

Artigo de Atualização

Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar

Irene Conceição. Andrade Rangel¹

Departamento de Educação Física UNESP Rio Claro

Resumo: A Educação brasileira, de forma geral, atravessa um momento de redefinição de seus objetivos, conteúdos e métodos de ensino. Neste contexto, a Educação Física, componente educacional, está colocando em pauta termos como inclusão e atenção à diversidade e às diferenças, anteriormente pouco discutidos. Da mesma maneira, começamos a prestar mais atenção ao multiculturalismo e à presença de atitudes que podem induzir ao racismo e em formas de preconceito, discriminação e exclusão em aulas de Educação Física. Assim, o objetivo desta intervenção é alertar professores, e futuros professores, sobre atitudes (ou a falta delas), conscientes ou inconscientes, perante o racismo que, no Brasil, assumem características difusas e camufladas, mas que, felizmente, vêm sendo combatidas através de ações afirmativas na busca de uma sociedade realmente igualitária de respeito às diferenças.

Palavras chave: Racismo. Exclusão. Educação Física.

Racism, prejudice and exclusion: from a Physical Education view

Abstract: In general Brazilian education is going through new concepts of its targets, contents and learning methods. In this context Physical Education as an educational component is questioning terms as inclusion and the attention for diversities and differences previously little discussed. In the same way we've started to pay more attention to the multiculturalism and the presence of attitudes that can lead to ways of prejudice, discrimination and exclusion in Physical Education classes. Therefore, the target of this intervention is to alert teachers, and teachers-to-be about attitudes (or the lack of them), conscious or unconscious towards racism, which in Brazil is diffused and covered up, but that fortunately has been fought in search of a more equal society against the differences.

Key words: Racism. Exclusion. Physical Education.

Introdução

Entendo que não haveria necessidade de abordar esse tema se o racismo e o preconceito não existissem no Brasil. No entanto, sabe-se que, embora o Brasil tenha sido tido como um país sem preconceitos durante muitos anos (TELLES, 2003), na atualidade é um país que possui preconceito de ter preconceito. Entendo também que esse é um tema muito difícil de ser abordado, inclusive na escola, mas o racismo necessita ser elucidado para que evitemos maiores danos às pessoas que o enfrentam.

Meu propósito é alertar educadores e futuros educadores para as atitudes (e omissões) que possam estar colaborando com a criação ou a manutenção das desigualdades que envolvem o racismo na escola e na Educação Física. Tentarei traçar um paralelo entre as observações que estiver realizando e as ações no contexto escolar, particularmente nas aulas de Educação Física.

Mas, antes disso, vou propor um processo de alteridade: vamos imaginar que todos aqui possuam algum tipo de característica que os façam diferentes e, por esta razão, sejam discriminados. Por exemplo, todas as pessoas que possuem olhos castanhos, verdes ou azuis; que sejam loiros ou tenham cabelo liso; que sejam carecas, altos, baixos; tenham pés pequenos, pés grandes, mãos grandes; com rugas ou barba; que usem óculos, aparelho nos dentes, tenham lábios grossos ou muito finos, serão discriminadas. Quem possui uma ou mais destas características será tido, daqui para frente, como inferior, não poderá freqüentar diversos locais, não arrumará emprego ou, se o arrumar, será mal remunerado.

Colocando-nos nesta situação entendemos o quanto o preconceito pode causar algum tipo de discriminação ou exclusão. Na realidade, o preconceito significa uma idéia preconcebida, um julgamento sedimentado por um grupo dominante, ou seja, um controle de alguém que detém determinado poder (HOUAISS, 2001). Ele não é novo na história da humanidade, sendo conhecido desde a antiguidade. O mesmo não aconteceu com o racismo, que surgiu na Europa, no século XV aproximadamente, justamente quando

¹ Prof. Dra. junto ao Depto. de Educação Física da UNESP - Rio Claro. Vice-coordenadora do LETPEF-Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física.

os países europeus dominaram terras até então desconhecidas, passando a inculcar um pensamento dominante europeu sobre as populações descobertas (MUNANGA, 1999)

A ciência do século XIX esculpiu os contornos delimitadores do perfil dos africanos e dos afrodescendentes, escravizados e marginalizados do sistema de bem-estar social. Essa ciência editou conceitos e preconceitos que procuram justificar a escravidão, o etnocídio e a exclusão social (XAVIER; XAVIER, 2002, p. 109).

A discussão sobre racismo acontece atualmente devido à organização de minorias² envolvidas em lutas sociais que experimentaram o preconceito e a discriminação (principalmente por Organizações não-governamentais - Ongs). Como um assunto que recentemente vem sendo discutido na escola, bem como na sociedade em geral, após a organização das "diretas-já", autores de variadas linhas de concepção e entendimentos propõem diferentes denominações a respeito deste assunto, muitas vezes com o mesmo significado, como é o caso de: negritude, etnia, afrodescendente, afro-brasileiro, multiculturalismo, entre outros (GOMES, 2003, MUNANGA, 1999). Esses diversos entendimentos podem, inclusive, levar a um processo de esvaziamento do discurso. Para esta palestra adotarei etnia e suas variantes, bem como o conceito de racismo.

No Brasil, o racismo refere-se ao preconceito de cor da pele, ou seja, mesmo que o indivíduo negro pertença a uma classe social favorecida ou a uma descendência árabe, por exemplo, será discriminado em diferentes situações, embora em menor grau. O mesmo vale para o mestiço, ou seja, o descendente de negros e não-negros (MUNANGA, 1999). É preciso deixar claro que o conceito de raça, criado por cientistas na tentativa de classificar - e de dominar - os seres humanos pela cor da pele, vem sendo substituído na atualidade, tendo em vista os estudos que comprovam sermos descendentes apenas da espécie *humana*.

A escola, organização social que deveria não criar nem reforçar atitudes preconceituosas, vem discutindo o racismo a partir do tema transversal "Pluralidade Cultural", sugerido com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a). Na Educação Física, embora com pouquíssimos trabalhos (SANCHES NETO; OYAMA, 1999; GONÇALVES, 1991) esta possibilidade surgiu com o "Princípio da Inclusão", defendido também pelos PCN's (BRASIL, 1998b). É a na escola que, talvez inconscientemente, encontramos atitudes

racistas nas relações entre professores, alunos, funcionários e, até mesmo, pais.

Mas, afinal de contas, quem é o aluno discriminado? Com algumas exceções, pertence a classes sociais desfavorecidas e, portanto, sofre de dois tipos de preconceito, o social e o étnico. Tendo em vista estas condições, a criança negra possui pouca expectativa de ascensão social.

Juntamos a isso o valor depreciativo dos controladores da Mídia, ao colocar atores negros, (com raríssimas exceções), em papéis como os de empregados domésticos, motoristas e escravos, o que não fornece a nossos alunos um modelo de sociedade igualitária, com as mesmas oportunidades a todos, apesar das diferenças.

Embora passados 117 anos de libertação dos negros escravizados no Brasil, seus descendentes tiveram poucas oportunidades de ascender às classes sociais mais altas. Sua história e cultura, ou mesmo sua luta a favor da liberdade e da igualdade, foram pouco difundidas.

Na escola, o processo de escravidão foi tido como algo necessário para o crescimento do país, mas as injustiças e até mesmo a história de luta, como no Quilombo de Palmares, foi contada a partir da ótica do branco dominador. Dessa forma, além de perder sua liberdade, de ver sua família dividida, o negro trazido para o Brasil teve sua cultura relegada. Como formar, então, uma identidade positiva com exemplos altamente negativos?

Os livros didáticos, já há algum tempo estudados, mostram ideologia de inferiorização do negro contribuindo para a baixa auto-estima das crianças que não conseguem viver papéis principais, não vêem qualquer herói negro (BENCINI, 2002), não possuem brinquedos representativos e, acima de tudo, recebem poucos afagos e elogios (CAVALLEIRO, 2000).

Contemporaneamente, os meios de comunicação social reeditam a imagem deformada dos afrodescendentes erigida pelo racismo supostamente científico, forjado nos laboratórios do racismo eurocêntrico desse século. Essa imagem deformada dos afrodescendentes anestesia a consciência crítica da sociedade em geral e dos afrodescendentes em particular contra a intolerância racial e as conseqüências sociais do racismo contemporâneo (XAVIER, XAVIER, 2002, p. 109).

A dominância do branco europeu no Brasil foi muito forte, a ponto de todos quererem descobrir um parente vindo da Europa, desta forma, os traços dos brancos europeus foram tidos como "bonitos" e todos os demais traços tidos como "feios".

² O termo *minorias* é aqui utilizado não com entendimento numérico, mas sim de poder. No Brasil referem-se aos índios, mulheres, homossexuais, negros, entre outros.

Em consequência, estas crianças acabam transformando-se em crianças tímidas, com baixa auto-estima dificuldades em acompanhar a seriação escolar e algumas se tornam agressivas.

Mas nem todos sabem se defender dos xingamentos preconceituosos. As experiências de preconceito racial vividas na escola, que envolvem o corpo, o cabelo e a estética, ficam guardadas na memória do sujeito. Mesmo depois de adultos, quando adquirem maturidade e consciência racial que lhes permitem superar a introjeção do preconceito, as marcas do racismo continuam povoando a sua memória (GOMES, 2003, p.176).

A falta de aceitação de sua cor de pele acentua o processo de branquitude, ou seja, a tentativa de branquear sua cor. Esse processo é tão devastador que muitas famílias proibem seus filhos de se unirem a pessoas negras, negando sua própria origem.

Levando-se em consideração que a escola contribui enormemente para a formação da identidade da pessoa, qual será a identidade da criança negra? Estão os docentes preparados para lidar com a diversidade? Está a universidade preparando docentes para as questões da diferença? E a Educação Física, como se comporta neste cenário?

Duas possibilidades podem ser visualizadas: a pesquisa e a preparação docente. Em relação à pesquisa, estamos ainda no início desta perspectiva. Em trabalho recente por mim orientado (RANGEL et al. 2003), foram entrevistados 28 alunos do 1º. ao 4º. ano, dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado da UNESP, Campus de Rio Claro e os resultados nos mostram que: a) 35,71% dos sujeitos já haviam passado ou presenciado algum tipo de discriminação, preconceito ou exclusão na escola e 78,51% relacionados às aulas de Educação Física. Um dos preconceitos apresentados dizia respeito ao racismo. Outros trabalhos vêm sendo desenvolvidos por orientandos de graduação e pelo grupo de pesquisa LETPEF.

Na preparação docente em Educação Física creio que algumas idéias podem ser discutidas junto a futuros (as) professores (as). A primeira seria discutir a formação do preconceito, como se estabelece, como é prejudicial à sociedade e como é camuflado no Brasil. Levantar os próprios preconceitos ajuda também a eliminá-los, ou pelo menos compreendê-los.

Em relação à prática profissional o (a) professor (a) pode auxiliar a alteração da imagem negativa da criança negra, valorizando e elogiando sua própria beleza, bem como cuidar da linguagem verbal cotidiana, representada por piadinhas e

Motriz, Rio Claro, v.12, n.1, p.73-76, jan./abr. 2006

apelidos (“Neguinho”, “Negão”, “moreninha”, “aquele de cor”).

O (a) professor (a) também deve prestar atenção a incidentes "aparentemente sem importância", como por exemplo, uma criança não querer dar a mão para outra por preconceito ou não participar em quadrilhas etc.

Outra possibilidade é favorecer o intercâmbio cultural e valorização da história de diferentes países africanos. Aliás, tratamos desses 56 países como iguais, quando na realidade cada um deles apresenta uma história e cultura diferenciada. A lei 10.639, que torna obrigatório em todas as escolas de ensino fundamental e médio brasileiras o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, desde 2003, terá papel fundamental na divulgação destas culturas. Segundo o professor Kabengele Munanga, em recente entrevista, dada a Borges, (2005):

A África que nós conhecemos é a do Tarzan, Simba Safári, Aids, fome, guerras, das tribos. Será que a África é só isso? Já viu algum livro didático mostrar que a África é o berço da humanidade, que as maiores civilizações se desenvolveram lá, que a civilização egípcia era negra? Nunca se viu na historiografia oficial, nos livros didáticos, os impérios e reinos africanos. A África é simplesmente tida como tribo. É isso o que a lei pretende corrigir. Além de introduzir a história da África no currículo, é uma nova história que será ensinada, em que a identidade africana e dos afro-descendentes é apresentada de maneira positiva.

Esta lei também deve ser observada na área de Educação Física. Assim, podemos trabalhar com danças folclóricas, músicas e jogos de Angola, Moçambique, Congo e outros países Africanos, lembrando que este conteúdo não deve ser trabalhado apenas em datas comemorativas, mas deve fazer parte do planejamento da disciplina.

Uma possibilidade singular da Educação Física é valorizar os esportistas, ginastas e dançarinos negros, embora todas as disciplinas possam utilizar estes mesmos exemplos. Entretanto, todo o cuidado é pouco, no sentido de se evitar a criação do estereótipo de que os negros ou são sambistas ou esportistas, consolidando “[...] os conceitos de invisibilidade política e social e visibilidade esportiva e de diversão” (XAVIER; XAVIER, 2002, p.111). A capoeira é outro conteúdo da cultura corporal de movimento que pode e deve ser discutido e vivenciado através de sua origem, instrumentos, vestimentas e diferenciações.

Por último, mas não menos importante, é lembrar que o (a) professor (a) nunca pode se omitir frente às questões valorativas, assim, tão importante quanto planejar ações para

eliminar o preconceito, é não se omitir frente às manifestações de discriminação e exclusão que possam ocorrer em aulas.

Considerações Finais

Muito ainda deve ser pesquisado e introduzido nos cursos de graduação em Educação Física em relação à cultura dos países africanos e na própria cultura brasileira, bem como nas questões de formação do preconceito e discriminação. Iniciar esta discussão fez parte desta mesa e esperamos ter, senão minimizado algumas dúvidas, ao menos tê-las levantado, para que se tornem preocupação dos profissionais da área.

Referências

BENCINI, R. Caderno de Atividades: Por que os heróis nunca são negros? *Nova Escola*, São Paulo, v.17, n.157, p. 40-42, 2002.

BORGES, M. **Nova legislação e política de cotas desencadeiam ascensão econômica e inclusão dos negros, diz professor.** Disponível em: <http://www.aomestre.com.br/ent/e_kabengele.htm>. Acesso em: 16 dez. 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quartos ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília, 1998a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos: educação física. Brasília, 1998b.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, 2003.

GONÇALVES, M. A. S. A educação física e a questão da discriminação racial. *Kinesis*, Santa Maria, n. 8, p.78-88, 1991.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1999.

RANGEL, I. C. A.; OLIVEIRA, A. F.; SOUZA, C. P.; SILVA, C. R. Discriminação, preconceito e exclusão em aulas de educação física escolar. In: **Anais do Semainário de**

Educação Física escolar, n.7., v.1, p.87-88. São Paulo: EEFUEUSP, 2003..

SANCHES NETO, L.; OYAMA, E. R. Da escravidão negra à “Escravidão econômica” contemporânea. **Discorpo**, São Paulo, n.9, p.45-71, 1999.

TELLES, E. **Racismo à brasileira:** uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumara, Fundação Ford, 2003.

XAVIER, J. T. P.; XAVIER, P. A. M. A invenção e a reinvenção do estereótipo dos afrodescendentes: o papel da ciência, dos cientistas e dos meios de comunicação na formação e articulação do discurso da intolerância. In: KUNSCH, M. M. K.; FISCHMANN, R. (Org.) **Mídia e tolerância:** a ciência construindo caminhos de liberdade. São Paulo: Editora da USP, 2002.

Endereço:

Irene C. Andrade Rangel
Av. 24ª, 1515 Bela Vista
Rio Claro SP
13506-900
E-mail: tatirene@rc.unesp.br

Mesa Redonda apresentada no IV Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e X Simpósio Paulista de Educação Física, de 25 a 28 de maio de 2005 pelo Departamento de Educação Física – UNESP, em Rio Claro.